

## Se solteiro, nanico

### *Economista quer casar o Brasil*

A recepção na Ilha de Comandatuba, sul da Bahia, é feita por baianas vestidas a caráter, servindo água de coco e colares de umburana no cais. Ainda num barco conversando com os jornalistas recém-chegados, a passageira sombreada pelo chapéu panamá fica surpresa quando lhe perguntam: “Qual é o seu nome?”

Com olhos faiscantes atrás dos óculos, ignorando de soslaio o gesto do acompanhante, também incrédulo, ali estava a Bruna Lombardi. Após desembarcar e atravessar o gramado num carrinho de golfe, os passageiros, entre eles dois colegas da *Folha* e *Estadão* — rindo e achando o máximo que eu não conhecia a atriz — juntam-se aos outros hóspedes no saguão.

Figurões da política e dos negócios flutuam na área da recepção. Há barris de cerveja espalhados em todo canto, para quem quiser. As mulheres fantasiadas de Mãe Diná agora oferecem aperitivos exóticos em bandejas de prata, como lagosta crua em tacinhas de licor. No primeiro andar, estão hospedados o Ivan Zurita e Roberto Civita, por exemplo.

Pouco a pouco, os convidados se dirigem ao auditório, reunindo-se para as conversas. Mais ou menos vinte palestrantes sobem ao palco. Os repórteres se ajeitam nas cadeiras reservadas para o *staff*. Introduzido pelo anfitrião João Doria Jr., o primeiro a falar é o governador baiano, Jacques Wagner.

“Lamento não poder dar aos colegas do exterior a receita do nosso sucesso econômico”, diz o petista, orgulhoso. Ele mais tarde venderá por milhares de dólares sua longa barba grisalha à fabricante de produtos de higiene P&G – dinheiro revertido em doações ao Instituto Ayrton Senna.

Em seguida, o vice-presidente Michel Temer assume o microfone e afirma, no discurso, que o governo Dilma Rousseff (ausente, na última hora) pretende governar para a nova classe média. “Sabemos que o empresariado é a nova motriz do desenvolvimento”, declara o emedebista.

Todo ano, há uma década, Doria promove o fórum do seu bilionário grupo de líderes empresariais, o Lide, para desfrute dos luxos do Hotel Transamérica, confabulações políticas e negócios. Se a conta de todos os presentes no 10º Fórum Empresarial fosse somada, o resultado seria cerca de metade do PIB brasileiro [de R\$ 4,143 trilhões em 2011].

No palco, a discussão logo engrena num consenso sobre a urgência da reforma tributária — petistas e tucanos estão de acordo quanto a isso. “Há um sentimento convergente, eu vejo que há um sentimento convergente”, enfatiza Doria, muito animado.

Eis que, em meio a sugestões para um pacto federativo, sobe à tribuna um convidado especial, vestindo terno marrom e cinza, além de grandes óculos

com fundo de garrafa. O economista de cabelos ondulados e ar meio excêntrico começa o discurso para uma plateia onde se empoleiram Vitor Fasano e Antônio Gerdau. “Estamos realizando essa discussão na data de aniversário do Brasil. Se eu fosse Lula, diria que o País está sendo refundado”, ele diz.

Quem já estava distraído para de conversar e fixa a atenção em Paulo Rabello de Castro. Os governadores de São Paulo, Espírito Santo e Minas Gerais ficam em silêncio para ouvi-lo. Rabello, então, projeta uma apresentação de slides ilustrando o crescimento do Brasil no século vinte — ninguém esperava uma aula, mas funciona.

O PIB vinha crescendo até a década de 1970. Nos anos 1980, os montinhos de ouro despençam no gráfico. “Alguns associam essa tombada à chegada da minha geração de economistas no mercado de trabalho. Acho que é verdade”, afirma o liberal.

No segundo slide, monstros animados representam os impostos: ICMS, IPI, IPTU etc. O ISS é uma criaturinha gorda e verde que gira a órbita do único olho. “Coloquei apenas algumas, evitando as demais contribuições porque elas poderiam pular para fora e vir nos pegar”, explica Rabello, provocando risos. Temer é o único que não ri.

O segundo homem da República assiste a tudo com uma postura inflexível. A ele o economista propõe “a reforma da reforma tributária”, para haver apenas quatro frentes de arrecadação no Brasil. “Com nossa estrutura tributária, professor Temer, não vamos conseguir. É minha obrigação profissional adverti-los: num cenário internacional para lá de confuso e perigoso, vamos de novo nos surpreender ne-ga-ti-va-men-te”, alerta.

Segundo Rabello, a falta de planejamento criou uma “favela tributária” no país e deixou o PIB “careta” (isto é, deve crescer em média 3,5% ao ano até 2020); mas, acrescenta, o Brasil tem a chance de duplicar a própria riqueza até 2030 se reduzir o custo do Estado, ampliar o investimento e cortar impostos. Ele, então, profetiza: “O mundo nos próximos 50 anos vai se organizar em *blocks*, *brides* e *bachelors*. É o BBB”.

Baseado no estudo do banco Goldman Sachs que cunhou o termo BRIC, Rabello presume que algumas nações formarão blocos, outras terão que firmar parcerias bilaterais (“noivas”) e o terceiro tipo ficará na maior solteirice, com os EUA e China na liderança. “Se formos solteirões, seremos nanicos”, prevê o economista. “Temos que arranjar nossas noivas e, eventualmente, formar nosso bloco”, defende.

Em sua análise, o Brasil é grande demais para o Mercosul, que pode ser no máximo uma de suas noivas. Não satisfeito com a tímida reação do público, Rabello rebate o silêncio propondo que o país seja fiel a uma nação

inesperada: o Japão. “Eles têm tecnologia, dinheiro, poupança, e nós temos a área, a garra e o empreendedorismo. Seria um belo casamento”, diz.

E surge no telão um personagem nipo-brasileiro. Rabello argumenta que a cultura e a ética dos países já estão casadas, bastando colocar uma aliança nas economias. Diante da expectativa geral, pondera: “Isto é um exercício para provocar as mentes ao conceito de planejar”. E, encerrando a enérgica palestra, retoma o assunto inicial. “Nada disso será possível se não houver coragem política para fazer a reforma tributária”, afirma.

A deixa recebe fortes aplausos, que Doria aproveita para ressurgir no palco. Rabello já estava quase de volta à plateia quando, por causa das salvas de palmas, decide retornar à tribuna. “Todo economista tem dúvidas, pelo menos aqueles que não ficaram muito insanos. Como disse Cora Coralina: digo o que penso, com esperança”, conclui.

*(reportagem originalmente escrita para a revista **piauí** — 2011)*